



XIII Congresso Nacional de **MEIO AMBIENTE** de Poços de Caldas

www.meioambientepocos.com.br

XIII CONGRESSO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE DE POÇOS DE CALDAS

21, 22 E 23 DE SETEMBRO DE 2016

CONSERVAR OU EMANCIPAR? REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A ESTRATÉGIA DE RELOCALIZAÇÃO ECONÔMICA A PARTIR DE UMA INSTITUIÇÃO DO TERCEIRO SETOR NORTE-AMERICANO

Ana Carolina Ribeiro Monteiro⁽¹⁾; Virgínia Ferreira⁽²⁾

⁽¹⁾ Mestre em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo pela Faculdade de Economia e Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra, Portugal, e Professora efetiva de Geografia da rede estadual de ensino de Minas Gerais. Resende Costa, Minas Gerais, Brasil. anacarol72@yahoo.com.br (32) 3373-2084. Pça. Profa. Rosa Soares Penido, 82, Centro, Resende Costa, MG, CEP 36340-000. ⁽²⁾ Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) e Centro de Estudos Sociais (CES), Professora Auxiliar e Investigadora Permanente. Coimbra, Portugal. virginia@fe.uc.pt Av. Dias da Silva, 165, Coimbra, Portugal, CEP 3004-512. (351) 239 790 500. Resumo baseado na dissertação de Mestrado.

EIXO TEMÁTICO: Educação Ambiental

RESUMO – A educação tem sido posta como um importante instrumento de resposta à crise ambiental. A educação ambiental não constitui, no entanto, um universo neutro e uniforme. De forma geral, as práticas de educação ambiental podem ser categorizadas em *conservadoras* e *emancipatórias*. Impulsionados a identificar e analisar iniciativas inovadoras e ousadas face à urgência das crescentes demandas socioambientais, o objetivo do presente estudo é relacionar a educação ambiental com uma estratégia de desenvolvimento alternativa chamada relocalização econômica (em prática nos Estados Unidos e Europa), a fim de inspirar práticas de educação ambiental que trabalhem a importância de uma remodelagem da economia para atingirmos parâmetros mais altos de sustentabilidade. A natureza deste estudo é quali-quantitativa e inter-relaciona uma reflexão teórica sobre a educação ambiental e um estudo de caso do modelo de intervenção de uma organização do terceiro setor americana, a BALLE - *Business Alliance for Local Living Economies*. Para abarcar o conceito de educação ambiental utilizou-se pesquisa bibliográfica. Com relação ao procedimento de recolha de dados no estudo de caso, optamos pela seguinte triangulação: (i) pesquisa documental; (ii) entrevista estruturada; e (iii) questionário eletrônico. Diante da menor existência e visibilidade de práticas de educação ambiental de cunho emancipatório, conclui-se que a pesquisa, a análise e a divulgação de ações de fomento de estratégias alternativas de desenvolvimento, como as da relocalização econômica, executadas pela instituição do terceiro setor BALLE, podem inspirar práticas de educação ambiental no Brasil, aumentando e fortalecendo seu eixo emancipatório.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Economia local. Terceiro Setor. Educação ambiental.

ABSTRACT – Education has been considered as an important means of responding to the environmental crisis. Environmental education is not, however, a uniform and neutral universe. From the categories of Lima (2002), environmental education

practices are categorized into conservative and emancipatory. Driven to identify and analyze innovative and courageous initiatives in view of the urgency of increasing environmental demands, the objective of this study is to relate the environmental education with an alternative development strategy known as economic relocalization (already in use in the United States and Europe), in order to inspire environmental education practices that put into practice the importance of reshaping the economy to make it possible the achievement of highest standards of sustainability. The nature of this study is qualitative and quantitative and interrelates a theoretical reflection on environmental education and a case study of the intervention model of an institution of the third American sector, BALLE - Business Alliance for Local Living Economies. To embrace the concept of environmental education specific literature has been consulted. Regarding the methodology of data collection based on case study, triangulation techniques have been used: (i) documentary research; (ii) structured interviews; and (iii) electronic questionnaire. At the slightest existence and visibility of environmental education practices of emancipatory nature, as stated by Lima (2002), we conclude that research, analysis and dissemination of alternative development strategies, such as the economic relocalization performed by the institution of third sector, BALLE, can inspire environmental education practices in Brazil, increasing and strengthening its emancipatory axis.

Key words: Sustainability. Local economy. Third sector. Environmental education.

Introdução

A educação tem sido posta como um importante instrumento de resposta à crise ambiental, desde os primeiros debates acerca da temática, juntamente com outros meios políticos, econômicos, éticos e científicos. A partir da década de 80, em âmbito internacional, e década de 90, em âmbito nacional, a educação ambiental conquista o reconhecimento público e se difunde em múltiplas reflexões e práticas por diversos organismos internacionais, entidades religiosas e empresariais, organizações governamentais e não-governamentais.

As práticas de educação ambiental são categorizadas por Lima (2002) em *conservadoras* e *emancipatórias*. Segundo o autor, a *educação ambiental conservadora* propõe mudanças comportamentais que pouco alteram a estrutura socioeconômica e cultural da sociedade moderna. Já a *educação ambiental emancipatória* entende tal estrutura como causadora da crise ambiental contemporânea e visa, portanto, fomentar ações que a modifiquem e a superem.

Impulsionados a identificar e analisar iniciativas inovadoras e ousadas face à urgência das crescentes demandas socioambientais, o objetivo do presente estudo é relacionar a educação ambiental, em seu eixo emancipatório, com uma estratégia de desenvolvimento alternativa chamada relocalização econômica (em prática nos Estados Unidos e Europa), a fim de inspirar práticas de educação ambiental que trabalhem a importância de uma remodelagem da economia para atingirmos parâmetros mais altos de sustentabilidade.

Nos últimos anos tem-se assistido o surgimento de organizações e movimentos que advogam a importância de se produzir e consumir localmente em detrimento dos bens e serviços provenientes das corporações multinacionais e suas redes globalizadas. Trata-se de uma estratégia alternativa de desenvolvimento capaz de responder aos crescentes níveis de insustentabilidade econômico-

financeira, social, ambiental e energética do modelo econômico globalizado neoliberal. Em maior evidência nos Estados Unidos e na Inglaterra, e presente tanto no meio urbano quanto no rural, tal estratégia está expressa em denominações tais como: *buy local; going local; think local first; e protect the local globally*. Estes termos são representações de um conceito ainda pouco analisado por estudos acadêmicos: *economic localization* ou *economic relocation*, em português, realocização econômica¹.

O conceito foi teorizado por economistas, geógrafos e ambientalistas norte-americanos e europeus² a partir da década de 90, mas sua raiz se encontra nos trabalhos de intelectuais pioneiros como Leopold Kohr, Ivan Illich, E. F. Schumacher, Jane Jacobs, Paul Goodman e David Morris, que, nos últimos 50 anos, desenvolveram ideias progressistas para um novo modelo econômico, advogando as virtudes da economia local diversa e dinâmica (SHUMAN, 1998). A realocização econômica propõe um processo de reconfiguração, diversificação e fortalecimento das economias locais. O objetivo central é permitir que comunidades, regiões e nações – nessa ordem, do menor para o maior – recuperem o controle sobre suas economias, abarcando problemas como o da mudança climática, da crise energética, do hiperconsumismo e do uso irracional dos recursos. Ao passo que “tudo o que puder ser produzido no local deve sê-lo. Quando não houver condições locais, o regional tem prioridade, depois o nacional e, em última instância, o internacional” (HINES, 2000, p. 30, tradução própria).

Tal estratégia de desenvolvimento já é pesquisada e colocada em prática por instituições do terceiro setor americano e britânico, com destaque para a BALLE - *Business Alliance for Local Living Economies*, nos Estados Unidos, e o movimento das *Cidades em Transição* (Transition Network)³, iniciado na Inglaterra e já difundido em todo mundo. A realocização também está presente na teoria do decrescimento de Latouche (2009), tendo um papel central em seu projeto de sociedade, resumido em oito mudanças (oito “erres”) capazes de, concomitantemente, criar um círculo virtuoso: reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, relocalizar, reduzir, reutilizar e reciclar.

Material e Métodos

A natureza deste estudo é quali-quantitativa e inter-relaciona uma reflexão teórica sobre a educação ambiental e um estudo de caso do modelo de intervenção de uma organização do terceiro setor americana, a BALLE - *Business Alliance for Local Living Economies*, a qual é pioneira no fomento da realocização econômica, possuindo 11 anos de experiência, e cerca de 80 redes distribuídas em 30 estados americanos e em algumas províncias canadenses. Sua missão é fortalecer e diversificar economias locais, através das ações de suas redes, a fim de combater

¹ Embora na língua inglesa o conceito seja mais conhecido por *economic localization*, na tradução para o português optamos por “realocização econômica” a fim de não confundir com questões de localização geográfica e reforçar o fato de que as economias locais já foram mais dinâmicas e diversas, justificando um processo de (re-)localização. Em alguns momentos utilizaremos apenas o termo “realocização”.

² Destaque para Colin Hines, Michael Shuman, Helena Norberg-Hodge, Peter North e Rob Hopkins.

³ Outras instituições: *New Economics Foundation* (NEF) e *The Institute for Local Self-Reliance* (ILSR).

de maneira sistêmica as crises ambiental, econômica e social. O objetivo do presente trabalho é apresentar ações de fomento da realocação econômica, realizadas pelas redes BALLE, que possam inspirar práticas de educação ambiental de cunho emancipatório.

Para abarcar o conceito de educação ambiental utilizou-se pesquisa bibliográfica. Com relação ao procedimento de recolha de dados do estudo de caso, optamos pela seguinte triangulação: (i) pesquisa documental; (ii) entrevista estruturada; e (iii) questionário eletrônico. A pesquisa documental feita no *website* oficial da BALLE teve como principal objetivo analisar em profundidade a coerência da intervenção da BALLE com o conceito de realocação a partir da apresentação institucional da organização. A entrevista foi enviada a matriz da BALLE, tendo como objetivo central investigar aspectos institucionais da instituição, a nível nacional, não disponíveis no seu *website*. A intervenção das redes ao nível local foi o foco do questionário eletrônico, tendo como objetivo aferir questões relativas ao desenvolvimento do processo de realocação econômica.

Apresentaremos aqui somente alguns resultados dos dados coletados através do questionário eletrônico e vinculados a apenas uma das hipóteses trabalhadas na dissertação de mestrado sobre o tema: A necessidade de responder a desafios socioeconômicos e ambientais move a intervenção das organizações como também a possibilidade de aproveitar oportunidades.

Resultados e Discussão

Lima (2002) chama atenção para as diferenças sutis e essenciais na diversidade de propostas de educação ambiental, que para um observador desatento, poderiam passar despercebidas. O processo educativo, em geral, não é neutro e objetivo, mas repleto de valores, interesses e ideologias, ou seja, reflexo de um contexto sócio histórico e da formação de identidades sociais, políticas e culturais.

A educação, neste sentido, pode assumir tanto um papel de conservação da ordem social, reproduzindo os valores, ideologias e interesses dominantes socialmente, como um papel emancipatório, comprometido com a renovação cultural, política e ética da sociedade e com o pleno desenvolvimento das potencialidade dos indivíduos que a compõem (LIMA, 2002 p. 120).

As propostas de educação ambiental, conforme Lima (2002), assumem variações a partir de dois eixos principais, um do conservadorismo e outro da emancipação. O eixo do conservadorismo, para o autor, é, em grande parte, resultado da institucionalização da questão ambiental e do processo de apropriação do discurso ambientalista por forças do mercado na busca de uma sustentabilidade a partir da conservação da matriz socioeconômica do sistema capitalista. Tal processo de apropriação resultou na modificação do ambientalismo que era crítico e emancipatório em sua essência e pode ser observado

Na despolitização dos discursos e práticas ambientais e no esvaziamento dos conflitos inerentes à questão ambiental que, gradualmente, são substituídos por discursos conciliatórios – desenvolvimento sustentável, modernização ecológica – baseados em ideias de cooperação, solidariedade, e compatibilização (LIMA, 2002 p.118).

Esta vertente, afirma Lima (2002), se interessa pela conservação da atual estrutura socioeconômica, política, cultural e ética, ou mesmo por mudanças aparentes, enquanto conserva a essência da estrutura. Trata-se de um *conservadorismo dinâmico*, que ao alterar aspectos na aparência convence de que algo está mudando. Utiliza-se, frequentemente de uma linguagem técnica-científica, tida como detentora da verdade e inquestionável pela população, para ocultar uma posição política. Muitas vezes, “o universo de locução técnica serve para reproduzir e legitimar o *status quo* e repelir alternativas que porventura se coloquem contra ele” (BRÜGGER, 1994 *apud* LIMA, 2002 p. 126). Na Tabela 1 temos as principais características da *educação ambiental conservadora*, segundo Lima (2002).

Tabela 1 - Principais características da *educação ambiental conservadora*, segundo Lima (2002).

| |
|---|
| • Conceção reducionista, fragmentada e unilateral da questão ambiental; |
| • Compreensão naturalista e conservacionista da crise ambiental; |
| • Tendência a sobrevalorizar as respostas tecnológicas diante dos desafios ambientais; |
| • Leitura individualista e comportamentalista da educação e dos problemas ambientais; |
| • Abordagem despolitizada da temática ambiental; |
| • Baixa incorporação de princípios e práticas interdisciplinares; |
| • Ênfase nos problemas relacionados ao consumo em relação aos ligados à produção; |
| • Separação entre as dimensões socioeconômicas e naturais da problemática ambiental; |
| • Responsabilização dos impactos ambientais a um homem genérico, descontextualizando econômica e politicamente. |

Fonte: Elaboração das autoras com base nos escritos de Lima (2002, p.127).

Ao se privilegiar uma educação ambiental limitada à instrumentalização e a uma sensibilização que se diz ecológica, se reduz a possibilidade de questionamento de um capitalismo “*verde* e universal em seu processo de reprodução, ignorando-se, assim, seus limites e paradoxos na viabilização de uma sociedade sustentável” (LOUREIRO, 2002 p. 70). Questões ligadas a *como, onde e em qual quantidade* produzimos os bens necessários à vida humana, ou seja, ao modo de produção vigente, capitalista, globalizado e neoliberal, não entram na pauta de muitos debates ambientais (LAYRARGUES, 2002).

Já existem, no entanto, práticas de educação ambiental que fomentam mudanças estruturais com foco nas dimensões socioculturais e econômicas. Tais práticas constituem o eixo da *educação ambiental emancipatória*. Para Lima (2002), este eixo chama atenção para o fato de que, concomitante ao debate e ações referentes às tecnologias limpas, fontes alternativas de energia, reciclagem, reflorestamento, reservas ecológicas etc., é urgente um questionamento mais complexo e multidimensional acerca da crise ambiental e suas causas.

Na tabela 2 temos as principais características *educação ambiental emancipatória*, segundo Lima (2002).

Tabela 2 - Principais características da *educação ambiental emancipatória*, segundo LIMA (2002).

| |
|--|
| • Compreensão complexa e multidimensional da questão ambiental; |
| • Defesa do amplo desenvolvimento das liberdades e possibilidades humanas e não-humanas; |
| • Politização da problemática socioambiental; |
| • Associação dos argumentos técnicos-científicos à orientação ética do conhecimento, de |

seus meios e fins, e não a sua negação;

- Cuidado em estimular o diálogo e a complementaridade entre as ciências e as múltiplas dimensões da realidade entre si, atentando-se para não tratar separadamente as ciências sociais e naturais, os processos de produção e consumo, os instrumentos técnicos dos princípios ético-políticos, a percepção dos efeitos e das causas dos problemas ambientais e os interesses privados (individuais) dos interesses públicos (coletivos), entre outras possíveis (grifo nosso).

Fonte: Elaboração das autoras com base dos escritos de Lima (2002, p.127, grifo nosso).

Tal vertente da educação ambiental apresenta-se como um espaço de iniciação desse amplo processo de questionamento e mudança, que possibilita o fomento do novo, de uma nova ciência, de uma nova educação, de uma nova economia, de um novo modelo civilizatório.

Há, muitas vezes, uma recusa tácita em discutir os nexos entre as relações do modo de produção capitalista vigente, neoliberal e globalizado, e seus impactos sobre as condições naturais (CARNEIRO, 2005). Autores do eixo emancipatório apontam a crise ambiental não como resultado de falhas no sistema socioeconômico capitalista e sim, como resultado do seu triunfo.

Impulsionados a identificar e analisar iniciativas inovadoras e ousadas face à urgência das crescentes demandas socioambientais, apresentamos a estratégia de realocação econômica como uma alternativa ao modo de produção hegemônico. Ao apresentar tal estratégia nosso objetivo é inspirar práticas de educação ambiental que trabalhem a importância de uma remodelagem da economia para atingirmos parâmetros mais altos de sustentabilidade.

A realocação econômica propõe um processo de reconfiguração, diversificação e fortalecimento das economias locais. O objetivo central é permitir que comunidades, regiões e nações – nessa ordem, do menor para o maior – recuperem o controle sobre suas economias, abarcando problemas como o da mudança climática, da crise energética, do hiperconsumismo e do uso irracional dos recursos. Ao passo que *“tudo o que puder ser produzido no local deve sê-lo. Quando não houver condições locais, o regional tem prioridade, depois o nacional e, em última instância, o internacional”* (HINES, 2000, p. 30, tradução própria). Em outras palavras, a realocação desafia a visão hegemônica de que *bigger is better*, buscando uma economia de base humana e comunitária (*humanly scaled e community-based*), em que os recursos locais – naturais, humanos e financeiros – devem ser maximizados na produção de bens e serviços para atender, em primeiro lugar, os mercados locais.

Em linhas gerais, a globalização neoliberal, na tese da realocação, é compreendida como o processo de contínua redução das barreiras comerciais e de investimento, motivado pela teoria da vantagem comparativa, competitividade internacional e atual modelo de crescimento, resultando em economias locais desvitalizadas e cada vez mais dependentes de objetivos e fluxos de capitais extremamente longínquos às mesmas (HINES, 2000; SHUMAN, 1998). Logo, este processo têm se desenvolvido *“à custa de perdas sociais, ambientais e trabalhistas, promovendo o aumento da desigualdade para a maioria do mundo (...) [e nesta lógica, coloca] país contra país, comunidade contra comunidade e trabalhadores contra trabalhadores”* (HINES, 2000, p. 4-5).

Apresentamos aqui parte dos dados levantados a partir do estudo de caso de uma organização do terceiro setor americana, a BALLE - *Business Alliance for Local*

Living Economies, a qual é pioneira no fomento da realocação econômica. Sua missão é fortalecer e diversificar economias locais, através das ações de suas redes, a fim de combater de maneira sistêmica as crises ambiental, econômica e social.

Nosso objetivo é apresentar as ações realizadas pelas redes da BALLE no fomento da realocação econômica para que sirvam de inspiração a práticas de educação ambiental que visam abarcar o caráter emancipatório. No questionário eletrônico listamos as principais áreas de intervenção e, a partir de uma pergunta fechada, pedimos às redes que identificassem os projetos em desenvolvimento.

Na tabela 3 estão enumeradas as principais ações das redes levantadas através do estudo de caso, com suas descrições e objetivos.

Tabela 3 - Ações de intervenção das redes BALLE para o fomento da realocação e inspiração de práticas de educação ambiental emancipatórias.

| ÁREA DAS AÇÕES | DESCRIÇÃO E OBJETIVOS |
|---|---|
| <p>Empreendedorism o social;</p> <p>Capacitação; e</p> <p>Plano de negócios</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Responder à crise econômico-financeira a partir do resgate do poder de decisão e autogestão das localidades sobre suas economias e futuro com economias locais diversificadas e fortalecidas a partir do fomento de empreendimentos sociais, cursos de capacitação e auxílio na construção de plano de negócios. • Lidar com a perda biodiversidade por meio de economias locais que produzam bens e serviços que espelhem a diversidade dos ecossistemas e seus recursos. • Lidar com a perda da diversidade cultural através de economias locais que combinem e valorizam os saberes e habilidades locais na produção de bens e serviços com identidade. • Promover o <i>empowerment</i> ao dar oportunidade aos indivíduos de desenvolverem habilidades e competências em potencial com o empreendedorismo e suprimento das demandas básicas de cada mercado local. |
| <p>Energia renovável;</p> <p>Conexão produtores e comerciantes/ consumidores.</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Combater o aquecimento global e a crise energética a partir da combinação do uso intensivo de energias renováveis e fomento de uma economia de baixo carbono, na qual a proximidade entre produtores e consumidores é capaz de diminuir transportes de longa distância e as consequentes emissões de carbono; |
| <p>Resiliência Comunitária</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Fomentar a resiliência comunitária que diz respeito à capacidade das comunidades em resistir, assimilar e/ou dinamizar os impactos oriundos das crises ambiental, energética e econômica contemporâneas. Ao diminuir a dependência dos sistemas excessivamente globalizados, instáveis, insustentáveis e injustos de alimentação, energia, transporte, saúde, habitação etc., constrói-se competências e habilidades, e criam-se sinergias que possibilitam às comunidades responderem de forma mais rápida, eficaz e sustentável aos choques e crises externas. • Superar o uso irracional dos recursos e a degradação ambiental ao estimular economias locais não dependentes e orientadas pelo atual modelo de produção regido pela obsolescência simbólica/planejada e pela produção e consumo de massa. |

Fonte: Elaboração das autoras com base no questionário eletrônico respondido pelas redes BALLE.

Conclusões

Uma educação ambiental emancipatória se faz urgente perante os altos níveis de insustentabilidade socioeconômico, ambiental e energético da sociedade

contemporânea mundial. Diante da menor existência e visibilidade de práticas de educação ambiental de cunho emancipatório, conclui-se que a pesquisa, a análise e a divulgação de ações de fomento de estratégias alternativas de desenvolvimento, como da realocação econômica executadas pela instituição do terceiro setor BALLE, podem inspirar práticas de educação ambiental no Brasil, aumentando e fortalecendo seu eixo emancipatório.

Referências

CARNEIRO, E. J. Política Ambiental e a Ideologia do Desenvolvimento Sustentável. In: ZHOURI, A.; LASCHEFSKI, K.; PEREIRA, D. B. (Org.). A insustentável leveza da política ambiental: desenvolvimento e conflitos ambientais. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, 27-47p.

HINES, C. Localization: A global manifesto. Londres: Earthscan, 2000, p. 290p..

LATOUCHE, S. Pequeno tratado do decrescimento sereno. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2009, 170p..

LAYRARGUES, P. P. O Cinismo da Reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B. (Org). Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002, p.109-141.

LIMA, G. F. da C. Crise Ambiental, Educação e Cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: LOUREIRO, C. F. B. (Org). Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002, p.109-141.

LOUREIRO, C. F. B.. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: LOUREIRO, C. F. B. (Org). Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002, p.69-98.

SHUMAN, M. Going Local: Creating Self-reliant Communities in a Global Age. Nova York: The Free Press, 1998, 360p..